



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de atividade no Brasil, EUA e China concentram as atenções da semana

A agenda da semana é marcada pela divulgação de diversos dados de atividade de junho, que devem mostrar números positivos e indicar um bom crescimento da economia neste 2T24. O IBGE divulga o resultado do setor de serviços na terça (13) e do varejo na quarta (14), com o mercado projetando altas de 0,8% e 1,2%, respectivamente. Os resultados positivos são impulsionados pelas condições favoráveis para expansão do consumo das famílias, diante do aumento da massa salarial e do crédito. Caso os resultados se confirmem, os setores devem mostrar crescimento de 0,8% e 0,7% no 2º trimestre. Já as *proxies* mensais do PIB (índice IBC-Br do BCB e Monitor do PIB da FGV) serão divulgadas na sexta-feira (16). O IBC-Br, índice calculado pelo Banco Central, deve subir 0,5%, beneficiado, além do avanço do consumo das famílias, também pela recuperação dos setores mais atingidos pelas enchentes no RS. Com isso, o índice deve registrar alta de 0,6% no 2º trimestre. Assim, após os indicadores surpreenderem positivamente em maio, mostrando impactos limitados das enchentes no RS, a boa perspectiva para os números de junho sugerem novo crescimento do PIB no trimestre, não tão abaixo do observado no 1T24 (+0,8%).

Em relação à inflação, a FGV divulga o IGP-10 de agosto na sexta-feira (16), que deve mostrar maior pressão dos preços no atacado. A expectativa é de alta de 0,75% no mês, acima do observado em julho (+0,45%), liderado pelos itens industriais ao produtor, notadamente do minério de ferro e da gasolina, impactados pela alta recente do dólar. A alta só não deve ser maior devido à retração dos preços dos alimentos *in natura*, beneficiados pela sazonalidade positiva do período. Em 12 meses, o índice deve acelerar de 3,38% para 4,29%.

Na agenda corporativa, a semana encerra a rodada de divulgações dos resultados do 2T24 das principais instituições financeiras do país. Além do resultado do Pine, divulgado hoje (12) pela manhã, serão conhecidos os números do Banrisul, da XP e do Nubank na terça (13); e, do BTG Pactual e BMG, na quarta (14).

Na agenda internacional, os mercados acompanharão os dados de inflação e atividade de julho dos EUA, que podem reduzir os temores quanto à iminência de uma recessão no país, e assim, recalibrar as apostas para um movimento mais gradual de corte de juros pelo Fed. Na quarta (14) será conhecida a inflação ao consumidor (CPI), que deve subir 0,2% no mês e ficar estável em 3,0% nos últimos 12 meses, reforçando que o processo de desinflação segue lento e ainda não terminou. Antes da divulgação do CPI, na terça (13), serão divulgados os números dos preços ao produtor (PPI). Quanto à atividade, na quinta (15) serão conhecidos os números do varejo e da indústria, com expectativa de alta de 0,4% e queda de -0,3% no mês, nessa ordem. Assim, caso se confirmem, os dados devem indicar que a atividade e a inflação estão desacelerando nos EUA, mas nada que justifique um ciclo intenso e rápido de corte dos juros pelo Fed.

Na China, destaque para os dados de atividade de julho, que serão conhecidos na quinta (15) e devem seguir sem grande ímpeto. O mercado estima alta anual de 5,2% da produção industrial e de 2,6% do varejo, similar ao observado em junho, indicando que o ritmo de crescimento segue relativamente estável e com grande diferença entre os setores.

A próxima página traz a agenda completa de indicadores, com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
13/ago	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Jun/24	0,8% m/m 0,8% a/a	0,0% m/m 0,8% a/a
14/ago	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Jun/24	1,2% m/m 3,9% a/a	0,8% m/m 5,0% a/a
16/ago	BCB: Índice IBC-Br de Atividade Econômica	Jun/24	0,50% m/m 2,50% a/a	0,25% m/m 1,3% a/a
16/ago	FGV: Monitor do PIB	Jun/24	-	0,3% m/m 1,3% a/a
16/ago	FGV: IGP-10	Ago/24	0,75% m/m 4,29% a/a	0,45% m/m 3,38% a/a

Fonte: Bloomberg.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 2T24

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 2T24 - Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Pine	12/ago	-	-	-
Banrisul	13/ago	244,1	30,2%	7,8%
Nubank	13/ago	-	-	-
XP	13/ago	1.087,0	5,6%	11,3%
BTG Pactual	14/ago	2.996,5	8,0%	22,7%
BMG	14/ago	99,1	5,4%	-

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
13/ago	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Jul/24	0,2% m/m 2,3% a/a	0,2% m/m 2,6% a/a
14/ago	Zona do Euro	PIB	2º tri/24 – 2ª leitura	0,3% t/t-1	0,3% t/t-1
14/ago	Zona do Euro	Produção Industrial	Jun/24	0,5% m/m	-0,6% m/m
14/ago	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jul/24	0,2% m/m 3,0% a/a	-0,1% m/m 3,0% a/a
14/ago	China	Produção Industrial	Jul/24	5,2% a/a	5,3% a/a
14/ago	China	Vendas no varejo	Jul/24	2,6% a/a	2,0% a/a
15/ago	EUA	Vendas no varejo	Jul/24	0,4% m/m	0,0% m/m
15/ago	EUA	Produção Industrial	Jul/24	-0,3% m/m	0,6% m/m
16/ago	EUA	Alvarás para novas construções	Jul/24	-1,5% m/m	3,9% m/m
16/ago	EUA	Construção de casas novas	Jul/24	-1,3% m/m	3,0% m/m
16/ago	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Ago/24 – prévia	66,9 pts	66,4 pts

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Ata do Copom eleva o tom e não descarta elevação da taxa Selic

O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) elevou o tom na Ata da última reunião, indicando que “não hesitará em elevar a taxa de juros para assegurar a convergência da inflação à meta se julgar apropriado”. De forma geral, diante da avaliação de uma deterioração do cenário econômico, o Colegiado sinalizou que está pronto para voltar a aumentar a taxa Selic, caso ocorra uma piora adicional no ambiente.

A ata trouxe mais elementos, em relação ao comunicado, que justificam a postura cautelosa da autoridade monetária, especialmente quanto ao desempenho das contas públicas. Segundo o documento, “notou-se que a percepção mais recente dos agentes de mercado sobre o crescimento dos gastos públicos e a sustentabilidade do arcabouço fiscal vigente, junto com outros fatores, vem tendo impactos relevantes sobre os preços de ativos e as expectativas”, ou seja, principalmente sobre a evolução recente do dólar.

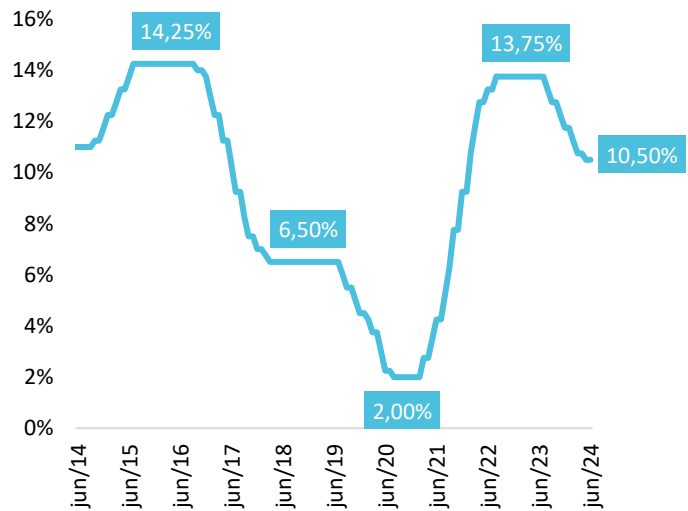
Neste sentido, discutiu os efeitos das expectativas de inflação e da taxa de câmbio sobre a dinâmica inflacionária e observou que, se tais movimentos (de piora) se mostrarem persistentes, os impactos sobre a inflação podem ser relevantes e serão devidamente incorporados às próximas decisões do Comitê. Assim, avaliou que o momento é de acompanhamento diligente e de maior vigilância perante um cenário que tem se tornado ainda mais desafiador.

O documento também discutiu o balanço de riscos em torno das projeções de inflação. Embora tenha mantido a simetria do balanço (ou seja, há riscos tanto para cima, como para baixo), o texto indicou que “todos os membros concordaram que há mais riscos para cima na inflação, inclusive com vários membros enfatizando a assimetria do balanço de riscos”.

Outro ponto de destaque foi o parágrafo 25, em que o Comitê aponta que avaliará, em suas próximas decisões, qual a melhor estratégia: i) manter a taxa de juros por um tempo suficientemente longo para levar a inflação à meta no horizonte relevante; ou ii) elevar a taxa de juros para assegurar a convergência da inflação à meta.

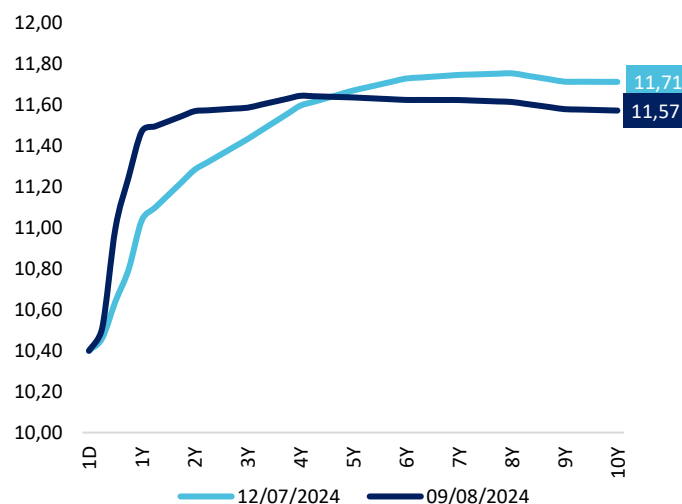
Desta forma, o BCB elevou o tom de sua preocupação quanto à dinâmica inflacionária, diante da escalada recente do dólar, crescente desancoragem das expectativas de inflação e nível da atividade e do mercado de trabalho mais aquecidos do que o esperado.

Quadro 1: Taxa Selic - % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros Futuros - % aa



Fonte: Bloomberg

Portanto, o cenário-base ainda é de manutenção da taxa Selic, em 10,50% aa, até o fim do ano. Porém, caso ocorra uma deterioração adicional do cenário (ou seja, o dólar siga em alta), o Copom voltará a subir a taxa Selic.

Já a inflação (IPCA) subiu 0,38% no mês, acima do resultado de junho (0,21%) e do esperado (+0,35%). A leitura mostrou uma piora em sua composição, inclusive nas principais métricas subjacentes, aumentando a preocupação com o tema. Em 12 meses, o índice seguiu acelerando e atingiu o teto da meta, de 4,50%.

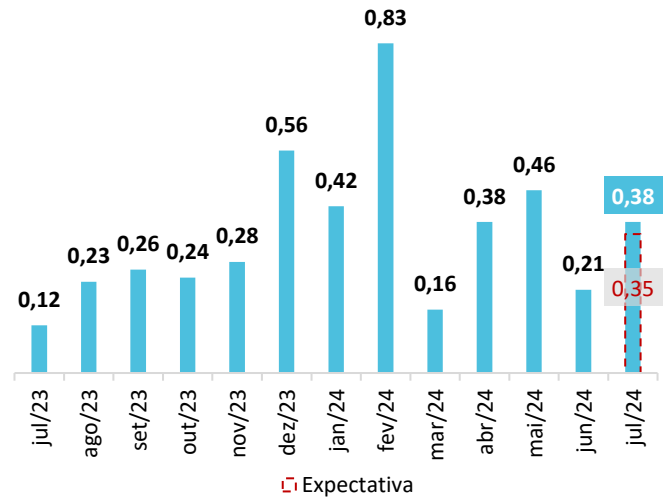
No mês, o indicador foi pressionado pela gasolina, passagens aéreas e energia elétrica, que juntos responderam por 90% da inflação do mês. O principal impacto veio da gasolina (+3,15%), em função do reajuste realizado pela Petrobras. As passagens aéreas mostraram a maior variação (+19,39%), com o aumento da demanda no período de férias. Já a energia elétrica subiu 1,93%, diante do acionamento da bandeira tarifária amarela, que acrescenta R\$ 1,885 a cada 100kwh.

Na outra ponta, destaque para os alimentos no domicílio, que registraram deflação (-1,51%), o primeiro desde set/23, refletindo a queda sazonal dos itens *in natura*, como raízes e legumes (-16,33%), verduras (-4,95%) e frutas (-2,84%).

Do ponto de vista qualitativo, os números também não mostraram um quadro favorável. A média dos núcleos acompanhados pelo BCB acelerou de 3,58% para 3,83% em 12 meses, enquanto os serviços subjacentes subiram de 4,45% para 4,91%, dando sinais de reaceleração, diante do mercado de trabalho aquecido. Os preços dos itens industriais, que vinham liderando o processo de desinflação, também subiram (de 1,10% para 1,29%), refletindo a desvalorização do câmbio, fato que deve seguir pressionando a inflação do grupo nos próximos meses.

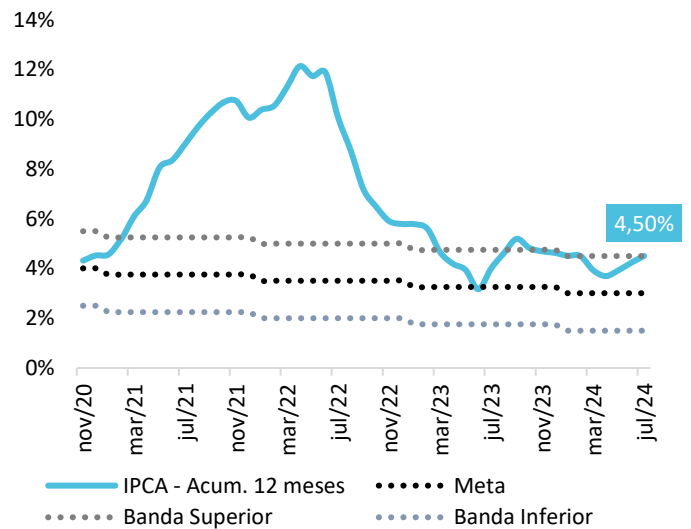
Assim, a leitura geral é de uma piora dos números da inflação. Apesar de alta do mês ter sido concentrada em 3 itens, a dinâmica de uma série de componentes sinaliza que o processo desinflacionário está perdendo força, e pelo contrário, indica alguma reaceleração. Embora a expectativa seja de que o IPCA atingiu o seu “pico” (no acumulado em 12 meses), o mercado de trabalho aquecido e a desvalorização do real se impõe como fatores de risco de alta para a inflação, que pode ficar acima de 4,1% neste ano, projeção do Focus até o momento. De toda forma, este resultado isolado ainda não parece suficiente para o BCB voltar a subir os juros, embora os riscos estejam inclinados para esta direção.

Quadro 3: IPCA – Var. % mensal



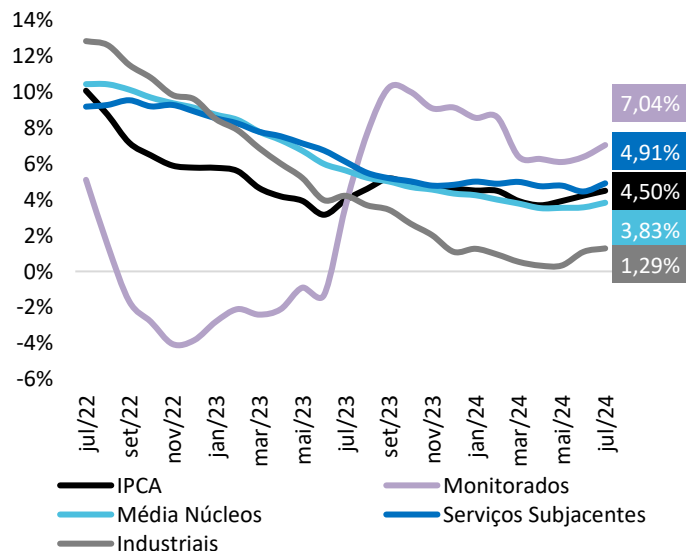
Fonte: IBGE

Quadro 4: IPCA – Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE

Quadro 5: IPCA e Aberturas – Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE

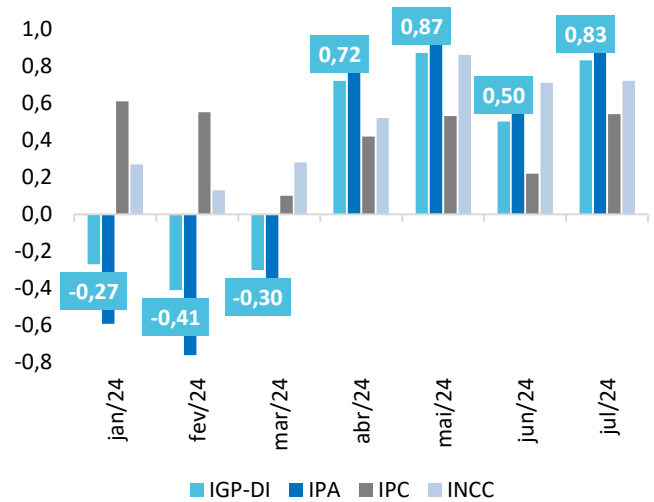
Também no campo inflacionário, o IGP-DI de julho confirmou os primeiros impactos altistas da depreciação do câmbio. O índice subiu 0,83% no mês, acima do observado no mês anterior (0,50%), liderado pelos preços no atacado (de 0,55% para 0,93%). O principal impacto do câmbio foi sobre os preços das matérias-primas brutas e dos bens intermediários no atacado, com destaque para as altas da gasolina automotiva (+5,23%), do minério de ferro (+1,34%) e dos bovinos (+1,89%). Assim, este é outro resultado que impõe um viés de preocupação sobre a dinâmica da inflação ao consumidor, especialmente em itens mais sensíveis às variações nos custos de insumos atrelados ao mercado internacional.

No setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 7,6 bilhões, abaixo do resultado de julho de 2023 (US\$ 8,2 bi), mas ainda assim, o segundo melhor resultado para o mês na série histórica (desde 1994).

A queda do saldo seguiu refletindo o expressivo aumento do valor das importações (+15,7%), que contou com forte crescimento do volume (+23,5%), mais do que compensando a queda dos respectivos preços (-6,4%). O avanço das importações é liderado pelas compras de bens de capital (+28,5%) e de consumo (+21,3%). Já as exportações subiram 9,3% no mesmo comparativo, também em função da alta do volume (+11,6%), enquanto os preços seguiram em queda (-2,4%). Dentre os segmentos, destaque para a indústria extrativa (+11,5%), que contou com aumento do embarque de minério de ferro (+21,1%); e para os itens agro (+8,3%), neste caso, puxado pelo aumento das exportações de café (+61,5%).

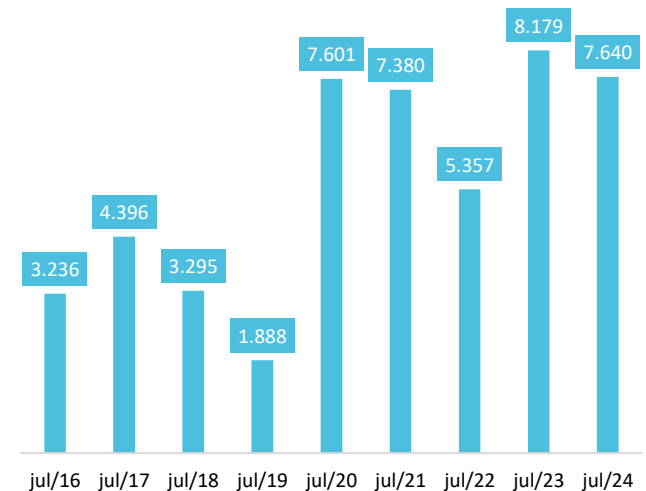
No acumulado do ano, o saldo comercial atingiu US\$ 49,6 bi, valor 6,1% inferior ao mesmo período de 2023, diante de um maior dinamismo das importações (+5,6%) do que das exportações (+2,4%). Com isso, as projeções para o saldo deste ano estão próximas a US\$ 80 bi, abaixo do resultado recorde de 2023 (US\$ 98,9 bi).

Quadro 6: IGP-DI e Aberturas – Var. % mensal



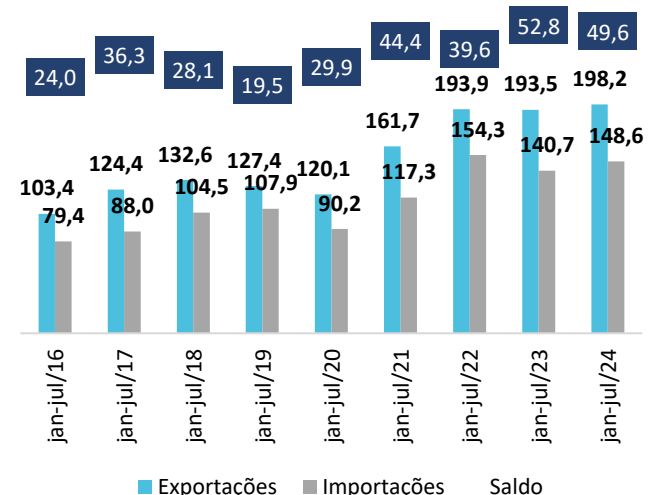
Fonte: FGV

Quadro 7: Saldo Comercial – Meses de Julho Em US\$ mi



Fonte: Secex

Quadro 8: Saldo, exportações e importações Janeiro a Julho – Em US\$ bi



Fonte: Secex

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

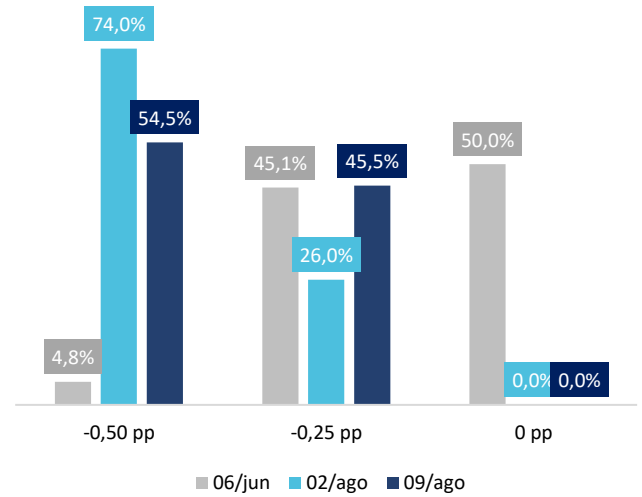
Dissipação dos temores de recessão nos EUA traz algum alívio aos mercados

A semana iniciou bastante tensa nos mercados, com preocupações vindas de uma possível recessão nos EUA, aumento das tensões no Oriente Médio e expressiva queda da bolsa do Japão. Porém, ao longo da semana, parte das preocupações se dissiparam, trazendo alívio aos mercados, que recuperaram parte das perdas. No Japão, dirigentes do banco central japonês (BoJ) indicaram que não voltarão a aumentar os juros enquanto os mercados estiverem instáveis. Nos EUA, alguns indicadores econômicos voltaram a trazer bons números, indicando que o país ainda não se encontra na iminência de uma recessão. Com isso, caiu a probabilidade de um corte de 0,5 pp dos juros na próxima reunião (que era maioria na semana passada), com o mercado dividido agora entre um corte de 0,25 pp (que parece o mais provável, dada a situação econômica do país) e de 0,5 pp, caso o Fed queira agilizar o processo de flexibilização monetária. Na mesma direção, os rendimentos das *Treasuries* se recuperaram parcialmente da forte queda recente.

Foram divulgados os números finais dos índices PMI dos serviços para o mês de julho nos EUA e na Europa. Nos EUA, o índice mostrou ligeira queda, de 55,3 pts para 55,0 pts, perdendo seu maior patamar em mais de dois anos, mas ainda em nível bastante elevado, sinalizando que a economia norte-americana segue aquecida. Na Zona do Euro, a queda para 51,9 pts (ante 52,8 pts) era aguardada, indicando que o setor segue perdendo força, em meio à fraqueza da economia europeia. Neste sentido, ainda no bloco europeu, as vendas no varejo caíram 0,3% no mês de junho, abaixo do esperado pelo mercado (-0,1%).

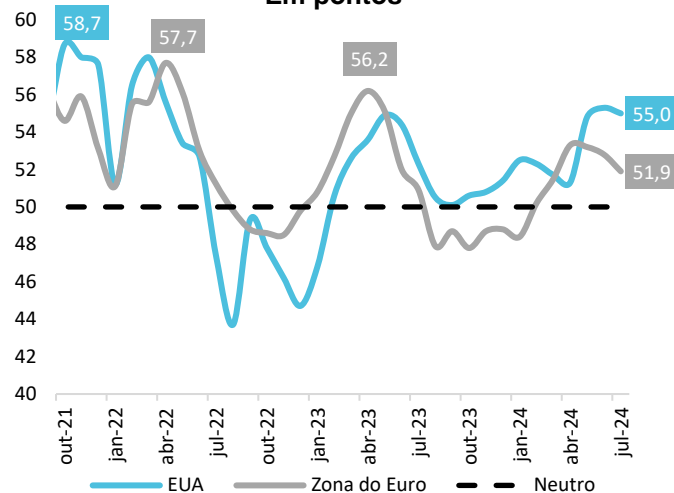
Na China a leitura dos dados do setor externo de julho trouxe sinais mistos. Por um lado, as exportações subiram 7,0% (ante jul/23) abaixo do esperado (+9,1%) e reduzindo o ritmo com relação ao dado de junho (+8,6%). Isso elevou as preocupações sobre a sustentabilidade da estratégia de crescimento impulsionada pela indústria/exportações, dado o aumento de restrições comerciais que o país tem enfrentado. Já as importações subiram 7,2%, acima do esperado (+3,0%) e revertendo uma queda (-2,3%) no mês anterior. Tal resultado, pode ser explicado por uma antecipação da indústria chinesa em busca de chips dos EUA, mercado que está sob risco de restrições. No âmbito da inflação, a inflação ao consumidor (CPI) na China segue fraca, com alta de 0,5% nos 12 meses finalizados em julho (ante 0,3%), enquanto os preços ao produtor (PPI) seguiram em deflação (-0,8%), indicando que a demanda interna segue sem força.

Quadro 9: Evolução da probabilidade de redução dos juros pelo Fed na reunião de setembro



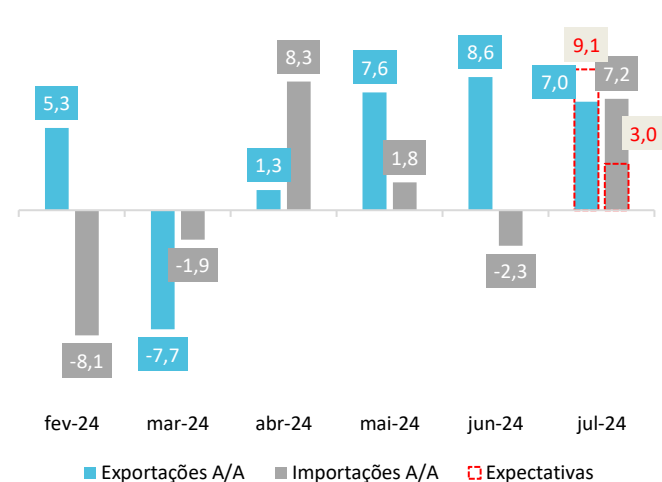
Fonte: CME Group.

Quadro 10: EUA e Zona do Euro: PMI Serviços Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: China – Exportações e Importações Var. % ante mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 2º Tri/24 Bradesco

CRÉDITO / BANCOS

O Bradesco registrou lucro líquido gerencial de R\$ 4,7 bilhões no 2º trimestre de 2024, alta de 12,0% ante o trimestre anterior e de 4,4% ante o mesmo período do ano passado. O resultado ficou acima do esperado (R\$ 4,4 bi) e levou a uma rentabilidade patrimonial anualizada (ROE) de 11,4%, subindo 1,2 pp no trimestre. De todo modo, o patamar ainda está abaixo da média recente da IF (17,3% entre 2017 e 2022).

No trimestre, o avanço do lucro decorreu de uma combinação de expansão das receitas e redução dos gastos com PDD. A margem com clientes subiu 5,0%, em função do aumento do volume médio do crédito. Na mesma direção, as receitas com serviços (+5,1%) e seguros (+16,2%) também avançaram ante o 1T24. Além disso, a provisão para devedores duvidosos (PDD) caiu 6,7% no trimestre.

Na comparação com o 2º trimestre de 2023, a alta do lucro foi liderada principalmente pela queda dos gastos com PDD (-29,3%), devido à melhora da qualidade do crédito. Outro ponto positivo veio das receitas com serviços (+6,4%), que se beneficiaram dos ganhos nas operações de crédito (+29,1%) e da administração de consórcios (+21,5%).

Do lado negativo, pesou a menor margem financeira (-5,9%), que contou com a redução da margem com clientes (-8,4%), em função de uma menor taxa média (8,6% ante 9,7%), em meio à maior participação de linhas de crédito mais seguras, mas menos rentáveis. Outro ponto negativo foi a queda (-4,1%) do resultado do segmento de seguros, causado por um resultado financeiro menor. Já as despesas operacionais subiram 10,6% no ano, com forte alta das provisões cíveis e fiscais (R\$ 772 mi ante R\$ 163 mi), além do aumento das despesas de pessoal (+7,7%). Com isso o índice de eficiência subiu de 49,7% para 51,3% (quanto menor, melhor).

A carteira de crédito ampliada, por sua vez, subiu 2,5% no trimestre e 5,0% em 12 meses. A alta ante o 2T23 foi puxada pela carteira destinada às pessoas físicas (+5,7%), com destaque para o crédito imobiliário (+9,4%), que representa 37% do total PF, e para o crédito pessoal (+8,0%). O crédito rural (+40,4%) também mostrou um avanço expressivo, embora pouco representativo (7%) na carteira PF. Já o cartão de crédito recuou 3,7%. O saldo de crédito PJ subiu 4,5% em 12 meses, puxado quase que exclusivamente pelo crédito destinado às micro, pequenas e médias empresas (MPMEs), com alta de 10,2%, enquanto o crédito às grandes empresas subiu apenas 1,7%.

Em relação à qualidade da carteira, a taxa de inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 4,3% da carteira total, com queda de 0,7 pp no trimestre e de 1,6 pp em 12 meses, atingindo o menor patamar desde o 3T22 (3,9%). A melhora foi disseminada entre os segmentos, com queda, no trimestre, das seguintes magnitudes: grandes empresas (-1,3 pp, para 0,2%), MPMEs (-1,0 pp, para 5,4%) e PF (-0,3 pp, para 5,2%). O mesmo vem ocorrendo no índice de atraso (15 a 90 dias), que caiu 0,7 pp no trimestre, atingindo 3,7% da carteira total, indicando que a trajetória de queda da inadimplência deve continuar.

Quadro 12: Resultado 2T24 – Bradesco

Banco Bradesco - R\$ Mi	2T23	1T24	2T24	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	1.884.020	2.000.076	2.054.518	2,7%	9,0%
TVM	768.684	803.665	821.947	2,3%	6,9%
Depósitos	591.747	608.644	618.551	1,6%	4,5%
Patrimônio Líquido	161.178	162.311	161.784	-0,3%	0,4%
DRE¹					
Margem Financeira	16.556	15.152	15.580	2,8%	-5,9%
Margem com Clientes	16.652	14.522	15.255	5,0%	-8,4%
Margem com Mercado	-96	630	325	-48,4%	-438,5%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-10.316	-7.811	-7.290	-6,7%	-29,3%
Receitas de prestação de serviços	8.756	8.861	9.317	5,1%	6,4%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	4.841	3.997	4.644	16,2%	-4,1%
Despesas de pessoal	-6.155	-6.368	-6.627	4,1%	7,7%
Despesas administrativas	-5.559	-5.483	-5.729	4,5%	3,1%
IR/CSLL	-393	-675	-1.100	63,0%	179,9%
Lucro/Prejuízo do período ²	4.518	4.211	4.716	12,0%	4,4%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹					
ROAE	11,1%	10,2%	11,4%	1,2 pp	0,3 pp
ROAA	1,0%	0,8%	0,9%	0,1 pp	-0,1 pp
Índice de eficiência	46,8%	49,7%	51,3%	1,6 pp	4,4 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	868.687	889.918	912.092	2,5%	5,0%
PF	361.077	372.556	381.775	2,5%	5,7%
PJ	507.610	517.362	530.317	2,5%	4,5%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	53.836	48.417	46.182	-4,6%	-14,2%
Despesa PDD/Carteira de crédito	1,2%	0,9%	0,8%	-0,1 pp	-0,4 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	6,2%	5,4%	5,1%	-0,4 pp	-1,1 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	5,9%	5,0%	4,3%	-0,7 pp	-1,6 pp
Índice de Basileia	15,5%	15,4%	15,2%	-0,2 pp	-0,3 pp
Cobertura > 90 dias	163,7%	163,7%	170,2%	6,5 pp	6,5 pp

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.

Resultado Corporativo 2º Tri/24 Itaú Unibanco

CRÉDITO / BANCOS

O Itaú Unibanco registrou lucro líquido gerencial de R\$ 10,1 bilhões no 2º tri de 2024, alta de 3,1% no trimestre e de 15,2% na comparação com o 2T23; e, em linha com o esperado pelo mercado. Com isso, a rentabilidade patrimonial (ROE) do banco atingiu 22,4%, superior em 0,5 pp e 1,5 pp ante o 1T24 e 2T23, respectivamente, maior patamar desde o 4T19 (23,7%).

Assim como outros *players*, a melhora do resultado também decorreu de um mix de aumento das receitas e queda das despesas com PDD. No comparativo com o 2T23, a margem financeira cresceu 6,4%, refletindo, em especial, os bons resultados da estratégia de *trading* no Brasil que elevou a margem com o mercado em 31,0%. A margem com clientes subiu (+5,4%), devido ao maior volume de crédito. As receitas com serviços subiram 9,4%, em função dos maiores ganhos com assessoria financeira (+83,5%) e administração de fundos (+15,1%). Vale destacar também o resultado da área de seguros e capitalização, que registrou um desempenho bastante positivo (+15,4%).

Do lado das despesas, a PDD caiu 3,3%, atingindo R\$ 9,3 bi, puxada pela redução da provisão no atacado (-71,3%), e em menor grau, no varejo (-2,4%), ambos na operação do Brasil, refletindo a opção do banco por uma redução do risco em seu portfólio. Tal movimento compensou a alta da PDD nas operações da América Latina (+40,7%). Já as despesas não decorrentes de juros subiram 5,6%, com alta nas administrativas (+7,3%) e de pessoal (+6,6%), mas queda dos gastos operacionais (-14,7%). Com isso, o índice de eficiência subiu marginalmente no trimestre (+0,5 pp para 38,8%), mas atingindo o menor patamar histórico para um segundo trimestre (39,6% no 2T23).

A carteira de crédito ampliada do Itaú cresceu 5,9% no trimestre e 8,9% em 12 meses. Com isso, a expansão anual voltou a ficar dentro do *guidance* proposto para 2024 (entre 6,5% e 9,5% de alta), após avanço em ritmo menor no 1T24. A alta anual foi puxada pela carteira PJ no Brasil (+9,4%), puxada pelo crédito destinado às grandes empresas (+11,5%) e, em menor medida, para as MPMEs (+7,6%). Já a carteira PF subiu 3,1%, ainda impactada negativamente pela saída de clientes mais arriscados e que traziam pouco valor ao longo do tempo, movimento que deve se completar até o 3T24. Tal estratégia tem impactado mais o cartão de crédito, que registrou alta anual de apenas 2,0%. Por outro lado, a alta da carteira PF foi puxada pelo crédito pessoal (+9,4%) e para aquisição de veículos (+7,5%).

A taxa de inadimplência (acima de 90 dias) ficou estável no trimestre e atingiu 2,7% da carteira total, nível 0,3 pp inferior ao 2T23. No trimestre, a inadimplência de todos os segmentos também ficou estável. Já na comparação em 12 meses, a melhora ocorreu principalmente na carteira PF (-0,7 pp, para 4,2%), refletindo a busca por uma carteira menos arriscada. O índice de atrasos (entre 15 e 90 dias), por sua vez, atingiu 2,3%, com queda na comparação trimestral (-0,1 pp) e anual (-0,2 pp).

Por fim, o banco reforçou seu *guidance* para 2024, mantendo assim a previsão de um crescimento entre 6,5% e 9,5% da carteira de crédito no ano.

Quadro 13: Resultado 2T24 – Itaú Unibanco

Itaú Unibanco - R\$ Mi	2T23	1T24	2T24	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	2.585.768	2.788.916	2.931.995	5,1%	13,4%
TVM	932.301	1.025.450	1.092.080	6,5%	17,1%
Depósitos	923.281	965.331	1.017.165	5,4%	10,2%
Patrimônio Líquido	178.424	183.441	191.988	4,7%	7,6%
DRE					
Margem Financeira Gerencial	25.997	26.880	27.665	2,9%	6,4%
Margem com Clientes	24.927	25.821	26.263	1,7%	5,4%
Margem com o Mercado	1.070	1.059	1.402	32,4%	31,0%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-9.609	-9.131	-9.294	1,8%	-3,3%
Receitas de prestação de serviços	10.363	10.852	11.333	4,4%	9,4%
Operações com Seg., Prev. e Cap.	2.079	2.230	2.400	7,6%	15,4%
Despesas não Decorrentes de Juros	-14.272	-14.386	-15.069	4,7%	5,6%
IR/CSLL	-3.388	-4.327	-4.572	5,7%	34,9%
Lucro/Prejuízo do período ¹	8.742	9.771	10.072	3,1%	15,2%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE²					
ROAE	20,9%	21,9%	22,4%	0,5 pp	1,5 pp
ROAA	1,4%	1,4%	1,4%	0,0 pp	0,0 pp
Índice de eficiência	39,6%	38,3%	38,8%	0,5 pp	-0,8 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	1.151.617	1.184.791	1.254.127	5,9%	8,9%
PF	405.157	413.027	417.809	1,2%	3,1%
PJ	293.605	306.856	321.150	4,7%	9,4%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	-53.618	-50.966	-51.461	1,0%	-4,0%
Despesa PDD/Carteira de crédito	0,8%	0,8%	0,7%	0,0 pp	-0,1 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	4,7%	4,3%	4,1%	-0,2 pp	-0,6 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,0%	2,7%	2,7%	0,0 pp	-0,3 pp
Índice de Basileia	15,1%	16,4%	16,6%	0,2 pp	1,5 pp
Cobertura > 90 dias	212%	221%	215%	-6,0 pp	3,3 pp

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹ Lucro Líquido Ajustado Gerencial

²Anualizado ³Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, *commercial papers*, etc.) e unidades da América Latina.

Resultado Corporativo 2º Tri/24 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 9,5 bilhões no 2º trimestre, um pouco acima do esperado (US\$ 9,3 bi). O resultado representa altas de 2,2% e de 8,2% ante o 1T24 e o 2T23, respectivamente. Com isso, a rentabilidade (ROE) do banco atingiu 21,6%, ficando praticamente estável no trimestre e com alta de 0,3 pp em 12 meses.

No trimestre, a ligeira alta do lucro refletiu a redução dos gastos com PDD (-8,6%), além do bom desempenho das receitas de serviços (+6,0%), que mais que compensaram a margem financeira um pouco menor (-0,7%).

Já em 12 meses, a alta do lucro foi liderada pela melhora da margem financeira bruta (+11,6%), diante do forte crescimento da margem com o mercado (+100,7%), que mais do que dobrou no período. Tal melhora decorreu do bom resultado da tesouraria e da melhora da margem do Banco Patagonia (subsidiária Argentina). Enquanto isso, a margem com clientes ficou praticamente estável (-1,0%), com o maior volume de crédito compensando a queda do spread. Outro ponto positivo veio das receitas com serviços (+6,7%), devido aos maiores ganhos em consórcios (+20,8%), administração de fundos (+14,7%) e seguro/previdência (+12,2%).

Do lado das despesas, a PDD subiu 8,8% ante o 2T23, em função do ligeiro avanço da inadimplência, assim como do próprio crescimento da carteira de crédito. Já as despesas administrativas subiram 4,9% no ano, abaixo do avanço das receitas. Com isso, o índice de eficiência renovou seu menor (e melhor) valor da série histórica, atingindo 25,5%, queda de 0,4 pp no tri.

A carteira de crédito ampliada do BB, que também considera TVMs privados e garantias, atingiu R\$ 1,183 tri no final do 2T24, alta de 3,9% ante o 1T24 e de 13,2% em 12 meses. Na comparação em 12 meses, destaque para a carteira agro (+16,6%). Neste sentido, o BB informou sua exposição aos municípios do RS atingidos pelas enchentes de maio, sendo que 6,0% de sua carteira total é destinada a tais municípios e 51,7% de tal montante se refere ao crédito destinado ao agronegócio. Em seguida, destaque para a expansão da carteira PJ (+13,2%), impulsionada pelo crédito destinado ao setor público (+24,3%), além do bom desempenho das linhas destinadas às MPMEs (+10,7%). Já a carteira PF subiu 6,2% no período, liderada pelo crédito consignado (+10,6%), mas contida pelos recuos nas linhas de veículos (-7,3%) e cartão de crédito (-2,9%).

A taxa de inadimplência ficou em 3,0% da carteira, subindo 0,1 no tri e 0,3 pp no ano. A piora na comparação em 12 meses veio da carteira PJ (+0,8 pp) e do agro (+0,7 pp), parcialmente compensadas pela melhora em PF (-0,5 pp). Já o índice de atraso (entre 15 e 90 dias) ficou estável em 2,0%. De um lado, houve queda nas carteiras PF (-0,3 pp) e PJ (-0,2 pp), de outro, alta em agro (+0,7 pp).

Por fim, o BB revisou para cima parte do seu *guidance*, elevando tanto a expansão da margem bruta esperada ao fim de 2024 para 9,0% a 13,0% (ante 5,0% a 9,0%), como a PDD ampliada para o intervalo entre R\$ -34 bi e -31 bi (ante R\$ -30 bi e R\$ -27 bi). De toda forma, tais alterações não alteram o lucro líquido esperado para o ano (entre R\$ 37 e R\$ 40 bi).

Quadro 14: Resultado 2T24 – Banco do Brasil

Banco do Brasil - R\$ Mi	2T23	1T24	2T24	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS¹					
Ativo Total	2.103.152	2.305.031	2.362.966	2,5%	12,4%
TVM	446.412	509.865	584.005	14,5%	30,8%
Depósitos	793.362	822.101	845.469	2,8%	6,6%
Patrimônio Líquido	167.680	179.021	181.831	1,6%	8,4%
DRE					
Margem Financeira Bruta	22.887	25.734	25.549	-0,7%	11,6%
Provisão p/ créditos de liquid. Duvidosa	-7.176	-8.541	-7.807	-8,6%	8,8%
PDD - Risco de Crédito	-8.495	-10.000	-9.610	-3,9%	13,1%
PDD - Recuperação de Crédito	2.150	1.991	2.983	49,8%	38,8%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	8.286	8.344	8.845	6,0%	6,7%
Despesas Administrativas	-8.810	-8.878	-9.245	4,1%	4,9%
IR/CSLL	-2.335	-2.379	-2.530	6,3%	8,4%
Lucro Líquido Ajustado	8.785	9.300	9.502	2,2%	8,2%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE²					
ROAE	21,3%	21,7%	21,6%	0,0 pp	0,3 pp
ROAA	1,7%	1,7%	1,6%	0,0 pp	0,0 pp
Índice de eficiência	27,9%	25,9%	25,5%	-0,4 pp	-2,5 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	1.044.859	1.138.094	1.182.860	3,9%	13,2%
Interna	995.532	1.083.413	1.116.827	3,1%	12,2%
PF	302.052	317.402	320.765	1,1%	6,2%
PJ	371.874	393.497	421.072	7,0%	13,2%
Agronegócios	321.606	372.514	374.989	0,7%	16,6%
Externa	49.326	54.680	66.033	20,8%	33,9%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	0,8%	0,7%	-0,1 pp	0,0 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,7%	2,9%	3,0%	0,1 pp	0,3 pp
Índice de Basileia	15,7%	15,1%	14,2%	-0,9 pp	-1,5 pp
Cobertura > 90 dias	201,3%	196,0%	191,3%	-4,7 pp	-10,0 pp

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²Anualizado ³Inclui operações com TVM e garantias.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Jul/24

CRÉDITO / BANCOS

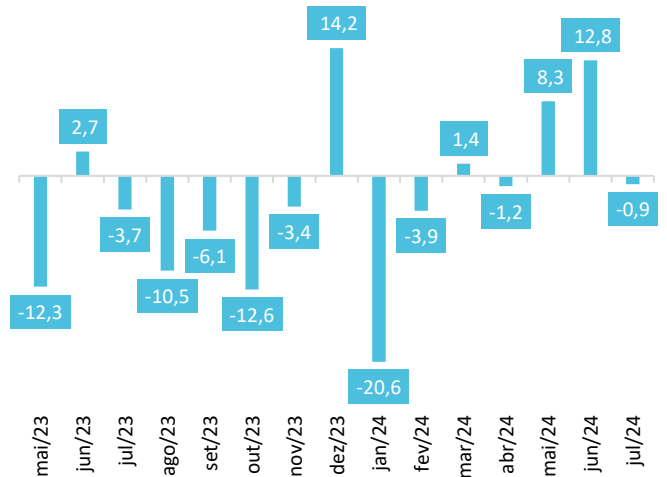
A caderneta de poupança registrou captação líquida negativa de R\$ 0,9 bilhões em julho, segundo o Banco Central do Brasil (BCB). Assim, os saques voltaram a superar os depósitos, ainda que por baixa margem, após 2 meses seguidos de depósitos líquidos. Porém, o resultado foi melhor do que o observado em jun/2023 (R\$ -3,7 bi).

Com o resultado, a saída líquida de recursos na caderneta segue ligeiramente negativa no acumulado do ano, atingindo R\$ -4,2 bi. O número representa uma melhora expressiva com relação aos anos de 2022 e 2023, quando as saídas (em termos reais) foram de R\$ 70,0 bi (0,7% do PIB) e R\$ 74,5 bi (0,7% do PIB), nesta ordem.

Já o saldo voltou a ficar pelo 2º mês seguido acima da marca de R\$ 1 trilhão, atingindo R\$ 1,016 tri (9,1% do PIB), patamar que não era observado desde meados de 2022. Isso porque, apesar da modesta saída de recursos no mês, o rendimento líquido creditado (R\$ 5,4 bi) mais do que compensou a saída de recursos.

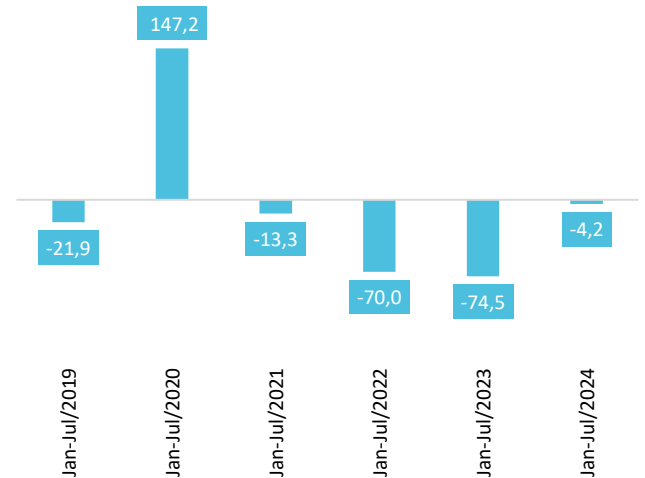
Em suma, a captação de recursos via caderneta de poupança tem mostrado números um pouco melhores neste ano, ainda que ligeiramente negativos. Tal melhora pode ser atribuída ao aumento da massa salarial e a queda da taxa Selic. Porém, do ponto de vista estrutural, não altera a necessidade de se aprimorar as fontes de *funding* do crédito imobiliário, uma vez que a modalidade tende a seguir perdendo espaço para outras alternativas mais rentáveis para os poupadores.

Quadro 15: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de jul/24)



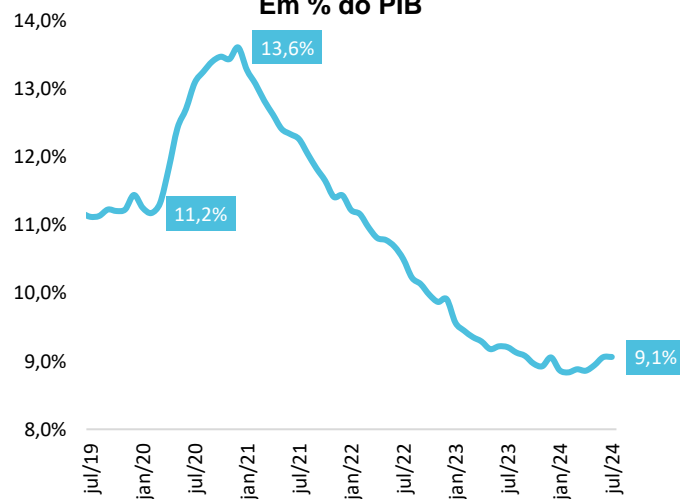
Fonte: Bacen.

Quadro 16: Captação da Caderneta de Poupança Janeiro a Julho - Em R\$ bi (IPCA de jul/24)



Fonte: Bacen.

Quadro 17: Saldo da Caderneta de Poupança Em % do PIB



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	09/08/24	02/08/24	12/07/24	Viés	09/08/24	02/08/24	12/07/24	Viés
IPCA (%)	4,20	4,12	4,00	▲	3,97	3,98	3,90	↔
PIB (% de crescimento)	2,20	2,20	2,11	↔	1,92	1,92	1,97	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	10,50	10,50	10,50	↔	9,75	9,75	9,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,30	5,30	5,22	↔	5,30	5,30	5,20	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	09/08/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,51	-3,83%	-2,51%	13,41%	12,59%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	165,97	-2,84%	4,87%	25,30%	-3,76%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,42	0,18%	0,06%	-10,50%	-20,46%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,39	2,92%	-0,04%	13,42%	3,64%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,63	-1,34%	-3,09%	15,41%	11,06%
Índice Ibovespa (em pontos)	130.614,59	3,78%	2,32%	-2,66%	10,36%
IFNC (setor financeiro)	13.294,19	6,67%	6,03%	-3,69%	11,77%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,05	4,47%	-4,80%	-4,63%	-16,29%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,94	3,94%	-2,23%	1,56%	-4,04%
Dollar Index	103,15	-0,05%	-0,90%	1,80%	0,61%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.344,16	-0,04%	-3,23%	12,04%	19,59%
Índice de ações de bancos – EUA	106,24	-1,73%	-9,17%	-2,99%	5,99%
Índice Euro Stoxx 50	4.675,28	0,79%	-4,06%	3,40%	6,64%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	133,05	0,23%	-8,06%	12,42%	18,41%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	79,44	3,42%	-1,59%	3,12%	-8,06%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira